

Bloco III

Objeto como forma de acoplar instrumentos à corporeidade.

Maria Célia Lima-Hernandes (LinC-USP/CNPq)

1. Conteúdos a serem revisitados

- a ordem típica da sentença: S V C

- as categorias cognitivas: cognição > corpo > pessoa > **objeto** > espaço > tempo > qualidade

Desde as fases mais tenras do desenvolvimento, os indivíduos da espécie humana convivem e interagem com objeto. Por mais estranha que pareça essa afirmação, é isso mesmo: aprendemos desde cedo a tornar os instrumentos como uma extensão de nossos membros. Partindo disso, é possível formular uma questão: como um indivíduo pode interagir com objetos? (corpo > pessoa > objeto...)

No caso do desenvolvimento ontogênico, à medida que as necessidades vão se apresentando, os pais e os cuidadores vão apresentando objetos que acabam se tornando soluções e, ao mesmo tempo, meios de aprimoramento de funções corporais e, conseqüentemente, cognitivas. A mamadeira cumpre a necessidade de sucção e também nos fornece o alimento que produz a saciedade. Além disso, aprimoram-se as habilidades de segurar objetos maiores que as próprias mãos. Devagarinho, esse filhote humano vai aprendendo a lidar com cada um dos objetos, experimentando-os pelos vários sentidos. Todos esses objetos são nomeados *pari passu* ao seu uso, à sua manipulação. O mundo da linguagem vai se acomodando e a língua vai nascendo paulatinamente. Se essa reflexão estiver correta, então será preciso assentir que, antes de sermos corpo, somos cognição: cognição > corpo > pessoa > objeto...

No processo de escolarização, o objeto volta a atuar como uma forma de integrar conhecimentos por meio de experiências concretas já vivenciadas pelo estudante. A estratégia é buscar o ponto de contato entre áreas de conhecimento e usar esse objeto como instrumento de articulação das discussões. Vejamos um pouco sobre isso no link: <https://www.youtube.com/watch?v=1sDjbeIHQO8>

Nesse sentido, o objeto – que é palpável, concreto, perceptível pela visão – vai se tornando em todas as disciplinas um objeto cada vez mais abstraído, percebido por reflexão, por intuição e por inferência; não mais pela presença física. Tais processos altamente abstratos integram o dia a dia e pouco são valorizados como tal no dia a dia, mesmo da dinâmica didático-pedagógica. São, contudo, as “terras raras” que fazem a mente dar um salto na qualidade das reflexões.

Na Gramática Normativa (GN), podemos falar em [objeto direto - acusativo] e [objeto indireto - dativo]. São, no estruturalismo, os correspondentes a alguns dos argumentos internos justamente porque evidenciam as necessidades semânticas do predicador (o verbo). Dessa forma, é possível intuir a existência de *slots* (espaços vazios) e projetar seu preenchimento de acordo com as demandas culturais. Preste atenção ao seguinte exemplo: Comer: alguém come algo

Os termos grifados (pronomes indefinidos) equivalem aos *slots* a serem preenchidos: um agente do comer e um objeto que seja passível de ser comido. Por exemplo: Maria comeu a maçã. Trata-se de um esquema com respostas previsíveis de um sujeito (Maria) que faz algo e um objeto que pode ser comido (a maçã).

2. Traços do objeto

Pensemos nas propriedades do objeto direto, função que, em tese, é sempre rema (informação não-compartilhada), conforme exposto no Quadro I, a seguir:

+ CONCRETO	+ ABSTRATO
+ manipulável pelo corpo	+ manipulável pela mente
+ delineado fisicamente	- delineado fisicamente
+ individualizado	- individualizado
- autônomo depende do corpo para movimentar-se	+ autônomo depende da mente para estabelecer dinâmicas
+ transferível	- transferível
+ simples	+ complexo
+ definitude	- definitude

Quadro I: Traços do objeto direto

É possível pensar num enquadramento mais ainda abstrato para o preenchimento do *slot* objeto direto: Maria comeu bola. Em sua interpretação numa realidade qualquer, de fato, bola poderia ser comida por alguém. Mas sabemos que a expressão “comeu bola”, no português do Brasil, equivale a um verbo suporte (vide leitura obrigatória sobre Predicadores) que codifica uma ação mais abstrata, o que nos remete a olhar com mais atenção para o contexto em que ele é empregado. Justamente por isso, funcionalistas ficam matutando que contexto favoreceria que esse uso ocorresse com intercompreensão. Chegamos ao seguinte contexto:

Hipótese de leitura: Maria estava participando de uma rodada de bingo. Faltavam-lhe dois números para completar a cartela. Distraída, não ouviu que o homem sorteara um desses números. Nesse contexto, podemos dizer que Maria comeu bola.

No exemplo contextual expresso anteriormente, a incorporação do objeto ao predicador resulta em mutação da transitividade verbal. Nesse sentido, somente um falante nativo ou fluente na língua adicional ou Língua de Herança será capaz de acessar essa construção surgida a partir das possibilidades de a transitividade direta converter-se em intransitividade. As implicações dessa mudança são muito úteis para compreender como inovamos o léxico do português e como bloqueamos sentidos a outros compartimentos diacrônicos (passado e também futuro distante), pois as inferências dependem da compreensão da camada sincrônica e da explanação de linguistas ou literatos que se debruçaram no estudo desse período em que a construção era usada. Para além disso, implica saber que o estatuto informacional do complemento direto (típico de informação nova ou rema) transmuta-se em informação compartilhada pela geração contemporânea da inovação, ao mesmo tempo em que continua inacessível para outras camadas sociolinguísticas. Isso quer dizer, salvo engano, que os verbos-suporte causam uma ruptura sociolinguística cujos efeitos são parcamente discutidos no campo da Linguística, em especial no campo da Translinguística (estudo comparativo de processos de gramaticalização em várias línguas, independentemente de sua origem ou ramo linguístico).

Para construir esse sentido mais abstrato, deixamos pistas ao leitor: excluímos o artigo que seria obrigatório para sinalizar a proximidade entre Maria e a bola, pois na interpretação mais concreta, ela teria mesmo engolido a bola. Com essa simples ação, atribuímos ao objeto um traço de indefinitude. Como comer algo indefinido é uma atitude muito estranha culturalmente, então a reação esperada é que o leitor também estranhe o sentido e o desloque para um outro *frame* (contexto) mais complexo de leitura.

O objeto direto em seu referente mais básico e prototípico, digamos, é aquele que aprendemos com as mãos (apalpar, apertar, segurar...) ao longo de nosso desenvolvimento, manipulando-o, aos poucos, como os demais indivíduos o fazem. Nesse contexto, o objeto é algo que se pode apalpar e com ele realizar a ação codificada pelo predicador, no caso do exemplo anterior, *comer*. Ocorre que, ao longo de nosso desenvolvimento e no decurso da vida escolar, vamos aprendendo a reconhecer que codificamos como objeto direto porções oracionais que respondem à transitividade do predicador. São objetos do mundo das ideias, não detêm a maioria dos traços de um objeto concreto. Esse afastamento do corpo físico provoca uma certa dificuldade de reconhecimento desse objeto como tal. Notemos que os predicadores estão em itálico e os objetos diretos grifados:

- (1) *Acendo a luz* da cabeceira e para o meu desespero são duas horas da noite. (Clarice Lispector)
- (2) Saio da cama, *tomo café* (Clarice Lispector)
- (3) *Ouvia*, muitas vezes, *más palavras* (Valdomiro Silveira)
- (4) Quando chega a madrugada lá no mato, a passarada *principia um barulhão* (Amâncio Mazzaropi)
- (5) Mas o Raimundo *tinha um mau Espírito Santo* de orelha. (Valdomiro Silveira)
- (6) Nestes versos tão singelos, minha bela, meu amor, prá você *quero contar o meu sofrer e a minha dor* (Amâncio Mazzaropi)

Todos os itens destacados em amarelo são adjuntos adnominais, ou seja, são termos que acompanham a função central de objeto direto modificando-o (adjetivos e pronomes adjetivos) ou (in)especificando-o (artigos).

No exemplo 5, identifica-se um problema de interpretação que pode estar ancorado na ambiguidade. A construção (também chamada no estruturalismo de sintagma preposicionado) “de orelha” tanto pode ser um modificador do objeto direto “Espírito Santo” quanto pode ser interpretado como um adjunto adverbial, equivalendo a “junto dele”. Trata-se de um *lugar crítico*¹, que merece uma explanação mais pormenorizada das possibilidades interpretativas e funcionais (especialmente do ponto de vista da Gramática Funcional – GF). Essa foi a razão por que não o identificamos categoricamente como um adjunto adnominal do objeto direto. A expressão “de orelha”, aliás, pode significar muitas coisas diferentes no português do Brasil. Tente você mesmo localizar contextos diferentes de emprego dessa expressão e faça análises dos trechos correspondentes.

¹ Lembre-se de que, num curso avançado de sintaxe funcional, como é o caso do curso destinado à formação de professores, é condição *sine qua non* o exercício de identificação de lugares críticos. Nesses lugares, sempre haverá uma mente que considera as possibilidades contextuais de análise. Não há uma só resposta possível nesses lugares. Compete ao analista ou ao professor levar os alunos a identificarem as condições que permitem admitir essa instabilidade de sentido tão presente nas situações interativas do cotidiano.

3. Os lugares críticos em que os objetos se escondem e se complexificam

No exemplo 6, temos uma análise que poderia ser conduzida como um lugar crítico também. Essa percepção pode ser respaldada por duas possibilidades interpretativas a depender do autor consultado na gramática normativa. Vejamos:

(6a) ... *quero contar* [o meu sofrer] e [a minha dor].

(6b) [quero contar o meu sofrer]_e [quero contar a minha dor].

Em (6a), há uma oração única baseada no predicador “quero contar”², que subcategorizaria dois objetos diretos “o meu sofrer” e “a minha dor” ligados pela preposição “e”³. Em (6b), uma conjunção coordenativa aditiva estaria sendo empregada e, pela identidade de predicadores (quero contar o meu sofrer e quero contar a minha dor), um deles seria elidido da cadeia sintática. Invariavelmente, o segundo a ser expresso. A análise sintática nesses casos seria igualmente diferente.

Se considerarmos a palavra “e” uma conjunção coordenativa aditiva, então podemos dizer que há um verbo elíptico com o traço [+identidade] em relação ao verbo anterior. Nesse caso, seriam duas orações interpretadas e analisadas como segue:

(6b) ... *quero contar* o meu sofrer e *quero contar* a minha dor.

Oração 1: quero contar o meu sofrer → oração coordenada assindética

Oração 2: e quero contar a minha dor → oração coordenada sindética aditiva

Nas línguas, em geral, essa elisão de predicador em contexto de coordenação é muito recorrente, justamente por atender a um princípio cognitivo relevante: paralelismo. Analisemos os exemplos (7) e (8), seguidos da interpretação proposta. No exemplo (7), o verbo auxiliar (um verbo modal) é elidido para evitar a repetição desnecessária, já que a proximidade favorece o processo inferencial rapidamente:

(7) Nós aqui num *podia criá galinha* nem *aporveitá os ovo*. (Cornélio Pires)

(7a) Nós aqui não podíamos criar galinha nem *podíamos* aproveitar os ovos.

(8) A Januária, que *tinha de fazer*, ao clarear, *o café com rapadura* para o povo, e depois *o feijão com angú (sic)* do almoço, e mais tarde *a mesma coisa* e *o jabá da janta*, não saía da senzala sem olhar um pouco pela filha e *dizer-lhe palavras de conselho* (Valdomiro Silveira)

(8a) A Januária, que *tinha de fazer*, quando clareasse, *o café com rapadura* para o povo...

(8b) e depois *tinha que fazer o feijão com angú (sic)* do almoço...

(8c) e mais tarde [a mesma coisa = *tinha que fazer*] *o jabá* da janta...

(8d) não *saía* da senzala sem que ela *olhasse* um pouco pela filha ... [olhar pela filha = cuidar da filha]

(8e) e sem que ela *dissesse* à filha *palavras de conselho*.

Esses exemplos (7) e (8) demandam um esforço cognitivo acima do que é possível exigir da mente de um indivíduo que esteja nos anos regulares do ensino fundamental. Creio ser mais prudente selecionar esses exemplos para o treinamento de alunos do curso de Letras e de Linguística, os quais precisam tirar a venda da inocência de seus olhos para que possam desempenhar com destreza profissões que demandem

² Há nesse predicador outro lugar comum: numa perspectiva da Linguística Funcional, temos a sequência de dois verbos cingidos numa única predicação: V1+V2, sendo V1 um verbo quase auxiliar (já gramaticalizado por pressão de identidade de pessoa, tempo e modo, logo codificando a volitividade do sujeito somada às marcas gramaticais de V2) e V2, um verbo pleno que codifica semanticamente a ação efetiva e se mantém em sua forma nominal. Essa configuração produz nos indivíduos de uma camada mais jovem a interpretação de locução verbal. Num segundo encaminhamento, temos a perspectiva dos falantes mais velhos, que ainda concebem o verbo querer como o núcleo da predicação da oração principal, enquanto o verbo contar seria o núcleo da oração reduzida de infinitivo, que seria desenvolvida em oração subordinada substantiva objetiva direta.

³ Aqui, a conjunção aditiva já teria se gramaticalizado como preposição.

interpretações mais complexas, como é o caso do professor de português voltado à formação de outros professores, ao tradutor e legendador, os quais precisam alcançar sentidos outros e intenções outras, ao literato ou crítico literário, os quais precisam fazer leituras críticas de textos de diversas épocas depreendendo minúcias de sentidos e de intenções. Voltaremos a esses casos mais adiante.

4. Verbos transitivos diretos menos complexos para o aprendiz

Existem objetos diretos que não têm a mínima paridade observável como objetos concretos. Ainda assim são os primeiros, num processo de identificação mais complexa, mas num nível mais incipiente de reflexão, a dar conforto à nossa criança interior. São os verbos *dicendi*. Analisemos os dados seguintes:

(9) porque o Raimundo lhe *dissera*, de pedra e cal, que haviam de ser um do outro a todo custo
(Valdomiro Silveira)

(9a) Raimundo lhe *dissera* → oração principal

que haviam de ser um do outro a todo custo → oração subordinada substantiva objetiva direta

Aprendemos por *inputs* diversificados e consistentes que o sujeito do dizer é sempre alguém (humano/humanizado, animado) e que o objeto é sempre o dito. Essa lógica conversacional nos permite pensar em combinação de orações subordinadas de uma forma mais leve para o raciocínio do iniciante em sintaxe. Explicamos: a oração matriz (ou subordinada, do ponto de vista da GN) traz como predicador um verbo *dicendi* (verbo de dizer), que, por sua vez, pede um objeto do dizer, o dito. Trata-se de objeto direto oracional introduzido pela conjunção “que”. Num nível mais complexo ainda, temos uma oração subordinada substantiva objetiva direta (classificação centrada na função) cifrada em sua resolução condensada, ou seja, oração reduzida de infinitivo (classificação centrada na forma de codificação).

Ocorre que, no interior da segunda oração, também temos que proceder à análise sintática, primeiro identificando o seu predicador e, depois, preenchendo os *slots* semântico-sintáticos (olhando para a função que desempenha).

(9b) *Haviam de ser* um do outro a todo custo

No caso de (9b), temos uma locução verbal em estágio mais avançado de gramaticalização do que aquela observada com o verbo querer (exemplo 6). O verbo querer ainda contribui com seu valor semântico de volitividade em relação ao V2, por isso é rotulado de verbo quase-auxiliar. Já, em 9b, o verbo *haver* pouco traz na memória dos usuários informações sobre sua contribuição semântica. Essa é razão de estar num estágio mais avançado de gramaticalização: verbo pleno > verbo quase auxiliar > verbo auxiliar.

Como verbo auxiliar, o verbo *haver* apenas carrega as marcas gramaticais do predicador (verbo principal), que é o verbo *SER*. Como o verbo principal, neste caso, é um verbo de ligação, não teremos a necessidade de criar um slot para o objeto direto. Não sendo um verbo transitivo direto, terá a possibilidade de se ligar a duas funções sintáticas: predicativo ou adjunto adverbial.

Outro problema se instaura dentro do período: que termo pode ocupar a função de predicativo do sujeito? Para a GN, lidar com o núcleo é a diretiva. Para a GF, o que importa é a função, a despeito de sua forma. Esse é o problema que se coloca aqui para sua reflexão. Como evidenciaríamos esse lugar crítico referido para o predicativo do sujeito?

Exercícios

I. Análise semelhante se desenvolve a partir do exemplo a seguir. Exercite seu entendimento e desenvolva a análise do exemplo (10). Caso tenha dúvidas, traga-a para a sala e poderemos discuti-las.

(10) Só, sim, uma vez, teve ânimo de *perguntar-lhe*: – Andam-me enchendo de prosa, Réimundo, e ponhando medo em mim.
(Valdomiro Silveira)

II. Notou que o objeto direto atende a perguntas parecidas com as utilizadas para identificar o sujeito sintático? Comente com base no que estudou do sujeito.

III. Retome o Quadro I e aplique cada traço ali exposto aos exemplos 1, 4 e 6.

IV. Sendo um traço semântico-sintático do objeto direto ser um *rema* (informação não-compartilhada, informação nova na cadeia de fala, informação introduzida pela primeira vez na cadeia escrita), como você poderia explanar esse traço para os objetos que integram os 3 períodos destacados no seguinte trecho?

Muita gente soube da existência do grupo Mutantes quando assistiu ao 3º *Festival da Música Popular Brasileira*, da TV Record, em 1967. **O apresentador Blota Júnior anunciava Gilberto Gil mencionando sua afirmação, a de que pretendia dar um som universal à música brasileira.** Foi motivo de muita controvérsia, aliás. E a controvérsia só fez aumentar depois que os reis da brincadeira e da confusão, José e João, no meio de um parque de diversões, desenrolaram sua história de amizade, amor e violência ao som de guitarra, baixo elétrico, berimbau, orquestra e pratos de bateria.

Vamos pular um pouco a parte da controvérsia artística, que fica para outra conversa. Aqui, lembro os pratos. Pois, atrás daqueles pratos, estava uma moça com coração desenhado no rosto. **A mesma que teve sua voz silenciada no último dia 8 de maio.**

Ela e seus companheiros de banda pegaram gosto pela provocação, especialmente num contexto de ditadura militar. E carregaram bandeiras ligadas à liberdade nas suas composições e performances musicais. O que ela fez foi extravasar para além do público mais característico desse cenário. Ir além do jovem intelectualizado, geralmente universitário. “Ela consegue transpor uma barreira e fazer uma música mais massiva e mais popular sem abrir mão de bandeiras e de uma certa qualidade estética dentro desses limites”, explica Eduardo Vicente. (Valei-nos, Rita Lee. *Jornal da USP*. 12.05.2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/valei-nos-rita-lee/> Acesso em: 12.05.2023. Com adaptações)

V. Retome o quadro de traços relativos ao sujeito e volte aos trechos destacados para proceder a uma análise dos sujeitos. Responda: qual a diferença básica entre o *sujeito* e o *objeto direto* se considerarmos apenas os traços subjacentes?

VI. Para um estudo dirigido, sugiro que siga o seguinte roteiro para uma leitura mais aprofundada:

- 6.1. Qual o papel das categorias cognitivas na construção da sintaxe?
- 6.2. Qual a relevância da corporeidade na complexidade sintática?
- 6.3. Qual o papel do estímulo na aquisição de linguagem pela criança?
- 6.4. Qual o papel do estímulo na apropriação de padrões sintáticos?
- 6.5. Que propriedades detém o objeto?

- 6.6. Qual a relação entre fluência linguística e acesso sintático?
- 6.7. Qual a gradiência do objeto na linguagem?
- 6.8. Quais fatores permitem alcançar o lugar crítico?
- 6.9. Qual o papel do processo de gramaticalização no paralelismo?
- 6.10. Como expandir a mente do estudante por meio do estudo sintático?